

COMO FUNCIONA A "CIDADE" QUE DECIDE A LEI SALARIAL

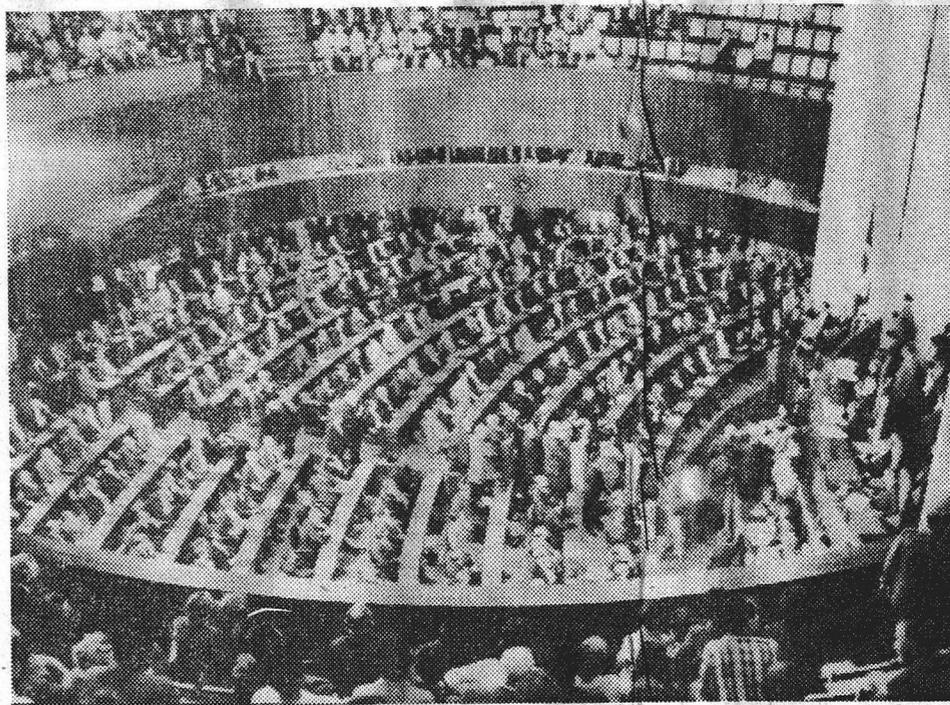
Roberto Fernandes

BRASÍLIA — O Presidente da Câmara dos Deputados, Flávio Marcílio, acredita que na votação dos decretos salariais 2 024, há um mês, e 2 045, no dia 20 de outubro, "ocorreram interferências das galerias, criando situações que eu não posso concordar e, por isso, temos que achar uma solução para dar maior tranquilidade e segurança a todos". O chefe do serviço de segurança do Senado, Eurico Jacy Auler, 53 anos, há 32 funcionário do Congresso, diz: "Desde a votação da anistia, o clima de exacerbação nas galerias e plenário vem crescendo. E isto é uma coisa programada".

Por acreditar nisto, Auler e Luís Borba, chefe da segurança da Câmara dos Deputados, colocaram os seus 230 agentes em "alerta" desde a votação do 2 045. Assim, na sessão em que o decreto foi derrubado, as condições de segurança foram excepcionais. "Numa sessão normal", informa Borba, "uns 15 homens ficam encarregados do esquema".

Na votação, somente para guardar os sete membros (deputados e senadores) da Mesa que dirige os trabalhos do Congresso, foram deslocados oito homens.

"Habitualmente são dois agentes em cada escada e um atrás do Presidente do Senado. No 2 045 já utilizamos três em cada escada e dois guardando o Senador Moacir Dalla (presidente em exercício)", informa Auler. Revistando os sindicalistas e populares, que só entraram depois de receber uma senha — foram distribuídas 1 mil 200 — e tomando conta das galerias, ficaram quase 200 seguranças. "É um esquema quase de relações públicas" garante Auler. "Ninguém usa arma". É uma missão "muito difícil com este clima que vem ocorrendo" — continuou — "e temos que levar em consideração que o Congresso Nacional, na verdade, é uma cidade".



Os acalorados debates no plenário do Congresso, especialmente agora quando se decide a nova lei salarial, são sustentados pela febril infra-estrutura que movimenta o prédio, uma verdadeira cidade

Sem dúvida. Em seus 335 mil m² distribuídos por sete prédios, habitam 3 mil 100 funcionários. Além dos três mil visitantes diários, que circulam por 20 mil m² de corredores. Os 54 mil m² de carpetes desta "cidade" dariam para cobrir seis gramados do Maracanã. Os geradores do Congresso Nacional produzem 2 milhões 100 kWh de energia, suficientes para acender 120 mil lâmpadas de 40 watts e iluminar uma cidade com 100 mil habitantes. Vinte e cinco cisnes deslizam pelos 47 mil m³ do espelho d'água que ladeia o Anexo I (prédio da Assessoria e da Administração).

Eventualmente, os cisnes têm uma companhia. O porteiro do Senado, Fernando Gaúcho, que com alguma frequência se excede nos drinques, sob o gabinete do diretor-geral do Senado, Aiman Nogueira da Gama, 56 anos, faz discursos e implora — "me deixem beijar este grande homem". "Ai" — conta Nogueira — "o pessoal dá uma refrescada nele com água". A dos cisnes, que é apenas uma gota nos 100 milhões de litros d'água gastos a cada mês.

Os inquilinos nobres desta "cidade" moderna e luxuosa, onde habitam milionários, assalariados médios, e pobres são os 479 deputados e 69 senadores de cinco partidos. Eles recebem, em média, 5 milhões de correspondências mensalmente. Para respondê-las, o Congresso dispõe de 4 mil 623 máquinas de escrever e outras 21 de telex. Deputados e senadores utilizam, a cada 30 dias, 10 mil blocos de rascunho e 410 mil folhas de papel-ofício. Para atendê-los têm à disposição 130 copéiras espalhadas por 90 copas que serviram no mês de setembro 1.200 kg de café, temperado por duas toneladas e meia de açúcar.

Nesta "cidade", que tem a folha mensal de pagamento beirando os Cr\$ 2 bilhões — fora os salários dos parlamentares — a temperatura ambiente, além da política, é uma preocupação constante. Os Senadores Raimundo Parente, (PDS-AM), Gabriel Hermes (PDS-PA) e Saldanha Derzi (PMDB-MS), por exemplo, habitualmente ligam para a administração pedindo "mais frio". A capa-

cidade do arrojado sistema de ar condicionado do Congresso é de 84 milhões de quilo-caloria/hora, de acordo com o diretor Nogueira.

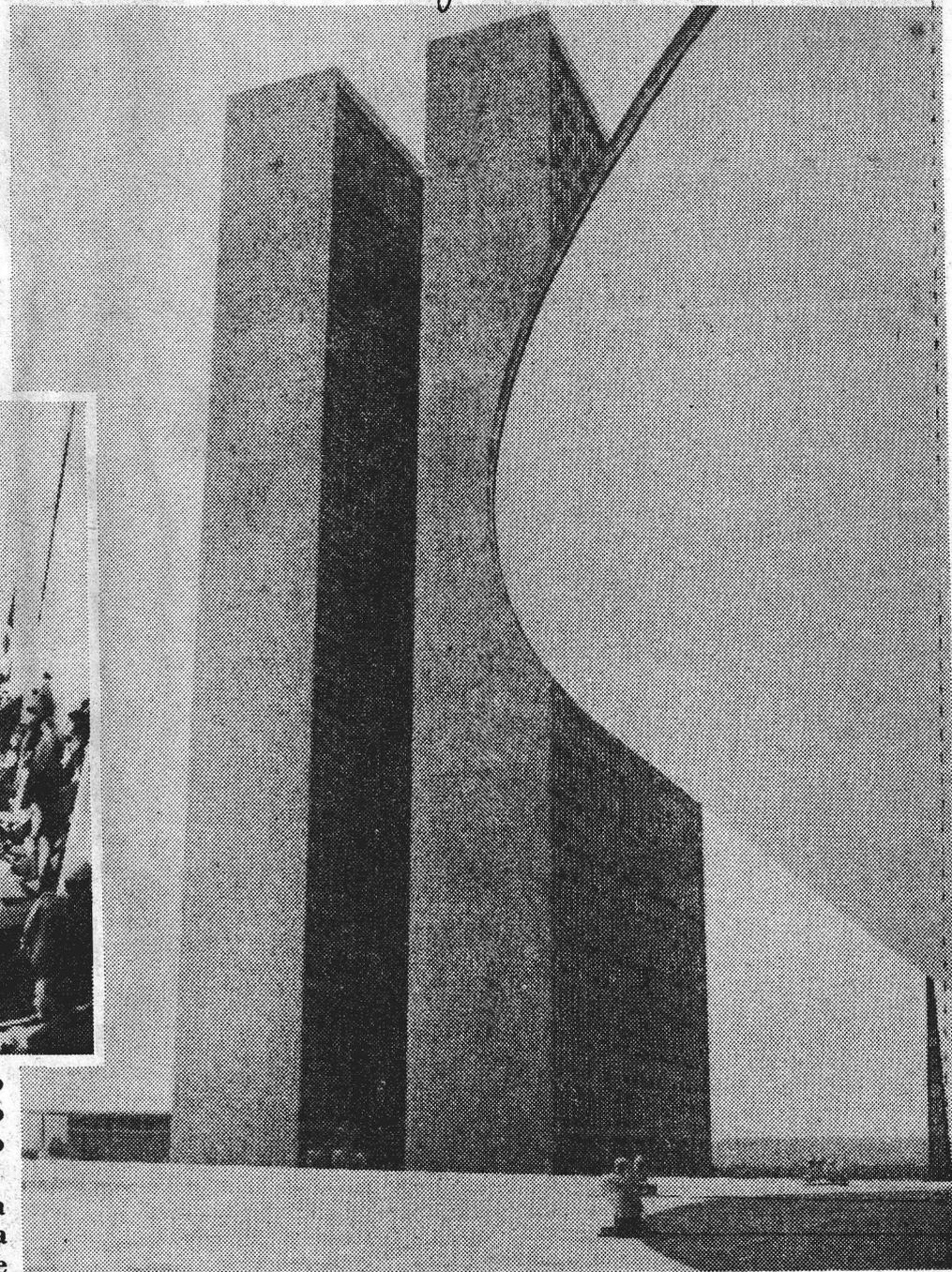
Adelmar Sabino, 42 anos, diretor-geral, é uma espécie de prefeito da Câmara dos Deputados que, pela terceira vez, tem como comandante supremo o cearense Flávio Marcílio, de 66 anos. No Senado, onde o Governo está nas mãos do pernambucano Nilo Coelho, de 62 anos, atualmente substituído pelo Senador Moacir Dalla (PDS-ES) o "prefeito" é o diretor-geral, Aiman Nogueira.

Nogueira, funcionário do Senado há 23 anos, afirma: "Aqui tem de tudo, como em qualquer cidade". Tem mesmo.

Quem quiser fazer "uma fezinha" no jogo do bicho pode dirigir-se à chapelaria do Congresso, que abriga também a segurança ou às cercanias da barbearia do Senado. "Se quiserem comprar imóveis, armas, dólares, é só avisar que logo aparece", garante o chefe de gabinete de Nogueira, Afrânio Cavalcanti, há 21 anos no Congresso.

"Excêntricos também tem uma porção", assegura Cavalcanti. Um deles, certamente, é o ex-chefe de segurança do Senado, Antonio Fanaia, aposentado há 10 anos mas que, diariamente, comparece pontualmente ao trabalho. "Aqui é muito bom", justifica-se. O motorista Damião, do do jegue, "no momento está de licença médica", diz Cavalcanti. Alguns, exageram no zelo de suas funções. É o caso do ascensorista Antônio Lima.

Sabendo que o então Senador Moura Andrade, do PSD, estava proibido de fumar pelo seu médico, Lima, ao vê-lo com um cigarro na boca arrancou-o com um piparote e disparou uma repreensão: "O médico já não proibiu V. Excia de fumar?". No momento, a faxineira Almerinda Santos Barreto é o alvo maior dos comentários entre os funcionários. Fazendo a limpeza em uma das quatro agências bancárias do Congresso ela encontrou Cr\$ 500 mil esquecidos na tesouraria. Almerinda, que ganha salário mínimo, devolveu o dinheiro. Ganhou um elogio e um apelido: "A doida da faxina".



caderno

B